

O corpo e a dança negra no cenário artístico Soteropolitano

Nadir Nóbrega Oliveira *

Neste documento objetivo refletir sobre o corpo e a dança negra em Salvador, capital do estado da Bahia, cuja população é constituída na sua maioria por negros e mestiços. Salvador, primeira cidade do Brasil onde foi criada a primeira Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, na década de 50, idealizada pelo Reitor Edgar Santos, sendo considerado um espaço importante para as discussões teóricas/práticas na América Latina sobre estudos do corpo e do movimento.

Meus estudos são baseados na Etnocologia², pois compreende o “estudo dos elementos que constituem os modelos sistêmicos das práticas e dos comportamentos espetaculares organizados”. (Pradier, 1995 p. 9)

No caso em estudo, abordarei como o corpo negro considerado por



Arquivo Pessoal

* Coreógrafa, Dançarina, mestranda em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Autora do livro *Dança Afro-Sincretismo de movimentos*.

alguns como lindo, forte, sensual e espetaculoso, um corpo desejado, também odiado e diabolizado por outros. Ainda apresentado e visto assim como também as manifestações artísticas criadas e mantidas por negros são consideradas folclore inclusive nos meios acadêmicos, espaços que ainda perpetuam o Nomos eurocêntrico, orientados pela cultura ocidental hegemônica onde pensam o sagrado e profano como antagônicos.

Um dos elementos mais fortes da tradição africana é a dança. Através dela, os nossos ancestrais negros expressavam todos os acontecimentos naturais da organização da sua comunidade: agradecer as colheitas, a fecundidade, o nascimento, a saúde, a vida e até a morte. É comum vermos em documentários sócios – políticos e culturais, povos africanos, cantando e dançando, expressando os seus interesses e a sua história.

Para os afro-descendentes ficou destinado o samba, o maculelê, a capoeira, ou seja, o “folclore”. Embora essas manifestações culturais tenham sido incorporadas como parte legítima da cultura nacional, os grupos de dança afro existen-

tes em Salvador expressam-se para o público como quem “faz coisa de preto”. (Oliveira, 1992 p.50). O mundo artístico é um espaço social “onde a discriminação racial é menos forte” (Bourdier, 1996, p.257).

Apesar da folclorização da arte afro-brasileira apropriada pelo discurso oficial, principalmente aquele ligado à propaganda e ao turismo e também no meio artís-



tico, os afro-descendentes através da sua dança e estética revidam a discriminação sofrida. “O negro educou-se ouvindo dizer que o seu corpo era feio e grosseiro, que não podia dançar balé clássico por ter o seu quadril largo e os pés chatos, além da sua cor ser incompatível para representar príncipes e princesas”. (Oliveira, 1992 p.53).

Em Salvador, é vantajoso ser negro³ no espaço artístico, principalmente na dança, mesmo não sendo o produtor ou empresário, existem preferências por estes corpos nas audições para tournées de companhias artísticas no Brasil e no exterior.

Podemos perceber que no Brasil, especialmente em Salvador, poucos são os livros atualizados sobre artes

afro-brasileira e africana, como também é constante ver a arte como entretenimento, lazer e coisa de pequena importância.

A arte quer seja: escultura, dança, pintura, música, teatro, indumentária são tão presentes e necessárias para o ser humano como é o comer e o dormir. Para vários povos, inclusive os africanos, tudo se comemora com arte. Dá pra entender um pouco por que nós baianos gostamos tanto de

dançar, cantar e representar. As nossas festas de largo e os ensaios dos blocos afros expressam muitíssimo bem esta afirmativa.

Em Salvador, a dança está imbuída de um gestual e de um dinamismo próprios, cuja simbologia não pode ser dissociada de sua matriz cultural, em especial a africana, onde o dançar se tra-

duz como poder de comunicação em sentidos mais profundos.

Constatamos que ela reproduz em movimentos e gestos elementos fortes quais são reforçados com o figurino, a música e a sua história. Entendemos que os elementos estéticos, tanto das danças sociais como das religiosas, estão vinculados aos aspectos físicos, sensoriais, emocionais de qualquer etnia.

É possível considerarmos a dança como uma das formas de comunicação não verbal da cultura afro-brasileira, sendo um elemento importante na função de manter e resguardar ao longo da história conhecimentos fundamentais presentes e atuantes no processo civilizatório dos afro-descendentes baianos.

Durante as apresentações, assistimos com prazer os corpos deslizarem espontaneamente, o requebro dos seus quadris em coordenação com os braços sem os tão conhecidos códigos gestuais de braços e pernas do balé, preocupando-se em preencher o espaço sem a rigidez da dança acadêmica. Dança esta que foge dos padrões homogêneos e eurocêtricos impostos pelo mercado cultural.

O Candomblé tem oportunizado aos grupos um significativo material artístico. Além de movimentos recriados de danças dos orixás, os dançarinos/coreógrafos utilizam elementos simbólicos e representativos da religião como: búzios, palha da costa, miçangas e cabaça, assim como as costuras das suas roupas e amarrações.

Relacionar a produção estética negra africana na categoria “arte”, (grifo nosso) em igualdade à manifestação, da mesma espécie, de outros povos, tem provocado um esforço para vencer as barreiras. Através destas danças, podemos ver articulada a interdisciplinaridade, a história, a antropologia, a religião, a geografia e outras áreas presentes representadas nos corpos dos dançarinos, que neste momento são os donos do espaço.

O corpo negro retrata a possibilidade na qual através da dança e da estética mostra-se presente no mundo, representando a filosofia de uma civilização sustentada por fundamentos rituais e mitológicos de cunho religioso.

Um corpo que a tradição ocidental desenhou como apropriado apenas para o trabalho, convencionalmente representado com depositário de qualidades e sentidos negativos e desprestigiados, reinscreve a diferença com dignidade e altivez, impondo-se como signo da individualidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BOURDIER, Pierre. As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário: São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- OLIVEIRA, Nadir Nóbrega. Dança Afro – Sincretismo de Movimentos. Salvador. Ulba. 1992.
- PRADIER, Jean-Marie. Etnocologia. Manifesto, in Performance, Performáticos e Sociedade: Brasília UNB, 1996.

NOTAS

- 2 Ver Pradier e Bião, 1997
- 3 Sugerimos ver Sansone, 1996.